

Mosteiro de Lorvão

Envolta em diversas lendas, a fundação do Mosteiro de Lorvão tem vindo a ser recuada até ao séc. VI, época em que foi pela primeira vez identificada a paróquia suevo-visigótica de "Lurbine", tendo sido seu fundador o abade Lucêncio, que se sabe ter assistido ao Concílio de Braga em 561.

Embora os primeiros documentos escritos só aparecem depois da primeira Reconquista de Coimbra, em 878, testemunhando a existência de uma comunidade que desempenhou um importante papel na região. Os monges de Cluny, que vieram a fundar o Mosteiro de Lorvão, dedicaram-no aos mártires São Mamede e São Pelágio.

No séc. X, a sua importância era já considerável e o Mosteiro atingiu grande prosperidade graças a doações de fiéis e ricos-homens, nomeadamente, durante o governo do abade Primo, que mandou vir de Córdova artistas especializados para fazerem obras na região. A investida muçulmana de 987 pôs fim a este surto de progresso.

Depois de uma fase inicial na posse dos monges eremitas de Santo Agostinho, em 1109, o Conde D. Henrique fez doação do Mosteiro ao Bispo de Coimbra, tendo o mesmo adotado, em meados do séc. XI, a Regra Beneditina, que se manteve até 1200. Nesta data, não apenas se adotou a nova reforma cisterciense, como o Mosteiro passou a ser feminino.

Esta mudança naturalmente implicou adaptações nos espaços. D. Teresa, filha do rei D. Sancho I, vendo o seu casamento anulado com Afonso XI de Leão, veio para Lorvão e aqui introduziu a congregação feminina. Também D. Sancha, sua irmã, haveria de viver em Lorvão, até que as primeiras "enceladas" e monjas de Lorvão se transferissem, em 1219, para o Mosteiro de Santa Maria de Celas que havia fundado na sua Quinta de Vimarões. Esposa de D. Henrique I de Castela, D. Mafalda, veria, à semelhança do ocorrido com D. Teresa, sua irmã, o seu matrimónio ser anulado, e regressada a Portugal, procurou refúgio em Lorvão, local onde preparou a introdução da Regra de Cister no beneditino Mosteiro de Arouca.

A atualização do Mosteiro teve início nos últimos anos do século XVI, onde se incluem várias capelas, a que se acrescentaram, em 1677, as varandas. A portaria data de 1630, integrada no novo edifício. No entanto, o ciclo barroco que mais

marcou o mosteiro, foi relacionado com o culto oficializado às Santas Rainhas, cujo processo terminou em 1724.

Entre 1748 e 1761, procedeu-se a uma nova remodelação. A igreja foi reconstruída e o seu traçado denota a forte influência do barroco joanino de Mafra. Para além da arquitetura, são nela merecedores de especial atenção, os túmulos de prata das Santas Teresa e Sancha, da autoria do ourives portuense Manuel Carneiro da Silva, datados de 1715; as grandes telas de Pascoal Parente, representando São Bento e São Bernardo, nos altares sob o zimbório; e a porta de entrada de pau-preto, com aplicações de bronze dourado.

Destaca-se, num dos altares do coro, a formosa imagem de Nossa Senhora da Vida, do séc. XIV. Mas, o que naquele espaço, mais desperta a admiração é, sem dúvida, o grandioso cadeiral em jacarandá preto do Brasil e nogueira, construído entre 1742 e 1747.

A Revolução Liberal de 1820 e a extinção das Ordens Religiosas em Portugal, em 1834, deram início à depredação de todas as riquezas acumuladas durante séculos. Espoliadas dos seus bens, as últimas freiras de Lorvão acabaram na mais degradante miséria. Tendo sido proibido ao Mosteiro de Santa Maria de Lorvão receber noviças.

O património artístico de Lorvão encontra-se disperso por diferentes Museus Nacionais, destacando-se o espólio existente no Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra, na Torre do Tombo (pergaminhos e missais, entre os quais o célebre Apocalipse de Lorvão) e na Biblioteca da Universidade de Coimbra.

O Mosteiro viria a ser restaurado pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, tendo ficado com três dormitórios, noviciaria, hospício, coro, igreja, dois claustros, refeitório, botica, cartório, oficinas, celeiro e outras dependências. Estas instalações foi, até 2012, ocupada por doentes de foro psiquiátrico, o Hospital Psiquiátrico de Lorvão.